

Hagiografia e Iconografia Beneditinas

Os "Diálogos" do Papa S. Gregório Magno

"Os Diálogos", obra repartida por quatro livros, têm sido atribuídos a São Gregório Magno, papa de 590 a 604. Há pouco tempo, porém, estalou uma polémica a esse respeito, que nem é nova nem original. Já há muito que a "rusticidade" da linguagem e a ingenuidade de alguns milagres tinham chamado a atenção para a discordância do teor dos *Diálogos* com o resto da obra de Gregório Magno. Um estudioso recente, porém, através de profunda e minuciosa crítica literária, chegou à conclusão de que, na forma e no conteúdo, na linguagem e no objectivo, o estilo é muito diferente daquele que usava o dito papa nas obras que, com toda a verosimilhança, lhe são atribuídas¹. A serem dele os *Diálogos*, haveria, pois, em Gregório uma espécie de desdobraimento de personalidade, já que "o estilo é o homem". Dom Adalberto de Vogué, que antes, na edição dos *Diálogos* para a colecção "Sources Chrétiennes", tinha defendido a autenticidade gregoriana dos *Diálogos*, sublinhando o "arrière-plan littéraire" dos mesmos, saiu à estacada, procurando rebater a tese de Clark e reafirmando a autoria de Gregório.

Como quer que seja, sem entrarmos na discussão, situamo-nos na linha da tradição a respeito do autor, porque o assunto não é relevante para o nosso objectivo imediato e o autor, qualquer que ele seja, mostra-se quase contemporâneo de S. Bento, tendo conseguido chegar ao conhecimento de algumas testemunhas directas. Por outro lado, a "exemplaridade" das vidas dos santos varões, como é apresentada nos *Diálogos*, situa-se perfeitamente na linha exegética de Gregório, que vê neles, qual "cidade de Deus para os simples" (P. Battifol), um sucedâneo e uma explanação actualizante da lição da Sagrada Escritura. Neste aspecto, os *Diálogos* explicitam, de forma prática, a teoria dos "Moralia", como, por exemplo, a respeito da morte de Job². De alguma maneira, a importância que Gregório dera à Bíblia, quando

¹ GRÉGOIRE LE GRAND, *Dialogues*, 3 Vols., Introduction, Bibliographie et Notes par Adalbert de Vogué (Col. "Sources Chrétiennes", 251/260/265), Paris, 1978/79/80; CLARK, Francis, *The Pseudo-gregorian Dialogues*, 2 Vols., Leiden, 1987.

² "Hanc itaque mortem, hanc dierum plenitudinem, et in beato Job uno scilicet membro Ecclesiae, credamus factam et in tota simul Ecclesia speremus esse faciendam: quatenus ita teneatur rei gestae veritas ut non evacuetur rei gerendae prophetia. Bona enim quae de sanctorum vita cognoscimus si

a interpretava e explicava nos "sermões" ou homilias e comentários à Sagrada Escritura, vai, agora, explicitá-la com a vida dos "Homens de Deus", que se levantam como "patriarcas" do monaquismo ocidental na Itália do seu tempo: "Qua in re hoc quoque nobis sciendum est quia et per incrementa temporum crevit scientia spiritalium Patrum". Na realidade, eis o que pensa e diz Gregório: "quanto mais o mundo caminha para o fim, tanto mais largamente se nos abre a entrada da ciência eterna"³. Na dialética constante entre o ONTEM/ HOJE da "História da Salvação", a Bíblia, enquanto Palavra de Deus, ganha, como reconhecem os modernos exegetas, um dinâmico "sensus plenior", acomodaticio, a que já os rabinos antigos reconheciam o valor de pluralidade: a Bíblia tem "noventa caras"⁴. Foi nisso que se apoiaram a filosofia e exegese alegóricas para deixar as "magras tetas do sentido literal" bíblico e procurar a riqueza e exigência do sentido moral ou espiritual, que, temos de reconhecê-lo, por vezes chegou a ser demasiado imaginativo ou subjectivo. Mas foi, de facto, uma metodologia ou técnica hermenêutica muito corrente nos Padres da Igreja e mesmo na Idade Média, tendo Gregório Magno usado dela com frequência⁵. Para ele, a Sagrada Escritura é uma presença constante e é, a partir dela, que se devem entender os seus sermões e os seus escritos. Ele conhece bem os sentidos da Bíblia: o literal ou histórico, o espiritual ou típico, moral e anagógico, embora privilegie o moral, porquanto leva à edificação e progresso espiritual dos leitores e ouvintes: "Pro multorum aedificatione" (*III Livro dos Diálogos*, 38,5).

I - O género literário dos "Diálogos"

Os *Diálogos* obedecem a um género de narrativa biográfica em que uma figura (Gregório) conta a vida dum santo "Homem de Deus" - *VIR DEI* -, sendo interrompido a espaços por outro (o diácono Pedro), que lhe põe perguntas ou para saber mais ou para ser elucidado sobre algumas expressões usadas pelo narrador. O género literário dos "Diálogos" não é

veritate carent nulla sunt; si mysteria non habent minima. Quae ergo per Spiritum Sanctum bonorum vita describitur et per intellectum nobis spiritalium fulgeat, et tamen sensus a fide historiae non recedat, quatenus tanto fixior animus in suo intellectu permaneat, quanto hunc quasi in quodam medio constitutum, et erga futura spes, et erga praeterita fides ligat" (*Moralia in Job*, Liber XXXV, "PL", LXXVI, 779D).

³ "Quanto mundus ad extremitatem ducitur, tanto nobis aeternae scientiae aditus, largius aperitur", *Homilia IV in Ezechielem*, Liber II, "PL", LXXVI, 981.

⁴ Alejandro DIEZ MACHO, "Deras y exégesis del Nuevo Testamento", *Separata de Sefarad*, XXXV (1976).

⁵ Henri DE LUBAC, *Exégèse médiévale. Les quatre sens de l'Écriture*, Paris, 4 Vols., 1959-1964; Beryl SMALLEY, *Lo studio della Bibbia nel Medioevo*, Bolonha, 1972.

novo. O autor coloca-se (é) na pessoa do papa Gregório Magno, e nós estamos convencidos que o diácono Pedro faz papel de figura de retórica para dar mais vida à exposição e para motivar e atizar a curiosidade dos leitores. Neste tipo de diálogos, ao narrador interessa menos o diálogo com o aparente interlocutor directo, o diácono Pedro, do que com o leitor possível, a quem várias vezes, de forma explícita, se dirige. Como tal, estes *Diálogos* são um género de biografia exemplar em que se mostra como uns homens de Deus viveram na sequência e à imitação de notáveis figuras da Bíblia, motivando, com o seu exemplo, o teor de vida dos monges e de todos aqueles que buscam a perfeição cristã. Esta intencionalidade, porque enunciado programático do autor, está patente, desde o prólogo, no *Livro I dos Diálogos*, prólogo que constitui, de resto, um estereótipo significativo nas biografias hagiográficas antigas⁶. Os *Diálogos* não são, portanto, uma obra histórica, uma biografia à maneira moderna, positivista ou científica.

Desde o séc. IV, tinha-se imposto na Igreja cristã um tipo de historiografia eclesiástica que, à luz da Bíblia, pretendia fornecer uma história didáctica e paradigmática, orientada no sentido de apresentar modelos de edificação. Contava-se com Eusébio de Cesareia (265-340) e a sua "Historia Ecclesiastica", S. Jerónimo (347-420) e o "De viris illustribus" e sobretudo com Santo Atanásio (295-373) e sua "Vita Antonii", com Sulpício Severo (360-420) e a "Vita Sancti Martini Turonensis", escrita cerca de 397, ainda em vida do santo. Aparecera, de facto, um tipo de história monográfica cujo objectivo era perpetuar e propôr a memória exemplar de alguns santos varões, bispos e monges, que servissem de protótipo e motivação de comportamentos adequados à vivência religiosa cristã. O papa S. Gregório Magno (590-604), como escritor-pastor, inscreve-se na linhagem desses escritores e segue, artisticamente, esses modelos literários para nos apresentar os santos varões da Itália do seu tempo.

Nos seus *Diálogos*, S. Gregório Magno tenta actualizar factos bíblicos, não tanto para os enfatizar na sua materialidade, quanto sobretudo para os fazer servir de exemplo e motivação. Se S. Paulo dissera da Bíblia "quaecumque scripta sunt ad nostram doctrinam scripta sunt" (Rm. 15, 4), o papa S. Gregório, na sua catequese pastoral, dirá a respeito das profecias: "Haec historice facta credimus, haec mystice facienda speramus" (*Moralia in Job*, Liber XXV, "PL", 76. 769B). Para ele, a literatura cristã e sobretudo a vida dos santos é um comentário da Bíblia, vivo, exemplar, palavra feita acção. O HOMEM DE DEUS, qualquer que ele seja, monge ou bispo, Bento

⁶ Jean LECLERCQ, *L'Amour des lettres et le désir de Dieu*, Paris, 1957, 154-160; PENCO, Gregório, *Significato e funzione dei prologhi nell'agiografia benedettina*, in *Il monachesimo fra spiritualità e cultura*, Milão, 1991, 115-124.

ou outro, é uma figura poliédrica, que realiza na Igreja os desígnios de Deus e actualiza, de forma concreta, na sua vida, os exemplos do homem bíblico de ontem feito modelo do homem crente de hoje e de sempre.

Por isso, a sua história monástica é uma "História da Salvação" em acto. Haja em vista, sobretudo, o *II Livro dos Diálogos* com a vida de S. Bento, por ser mais longo e uma biografia completa. Ainda que mais comprida que a obra de Sulpício Severo sobre S. Martinho de Tours, é mais curta que a de Santo Atanásio sobre Santo Antão. Mas, nela transparece como a vida dos santos homens de Deus é, para Gregório, um comentário vivo da Sagrada Escritura ("Viva lectio est vita bonorum") e, por eles, aprende-se a fazer a experiência cristã da Palavra de Deus. Deste modo, os *Diálogos* são uma ilustração didáctica desta ideia-força da pedagogia patrística. Através deles, mais que entreter a curiosidade e o devocionalismo, quer-se transmitir exemplos concretos, acessíveis, estimulantes, que podem tornar-se normas práticas de comportamento cristão, pois "Plus exempla quam verba excitant" (*XL Homiliarum in Evangelio libri duo*, Lib. II, Hom. 39,10). Afinal, Deus é eterno e a revelação da Sua Palavra bíblica é sempre uma história a reviver. Como escritor cristão, cheio de preocupações pastorais, num mundo romano a cair em desagregação perante a invasão dos bárbaros, o papa S. Gregório ou o autor seu contemporâneo quer afirmar o primado e a importância vital da Palavra de Deus e prová-la pelo testemunho vivencial dos homens de Deus do seu tempo. Apesar da crise, não faltam homens de fé, cuja vida é prova da presença actuante e santificante de Deus no mundo.

Para nós, ler hoje, como naquele tempo, a vida dos santos varões do século VI, quase contemporâneos do Papa e por ele descritos, é como que fazer a releitura da "História da Salvação", verificar por nós próprios como os "modelos bíblicos" se prolongam e transmitem. Trata-se duma hagiografia toda cheia de exemplaridade e realismo, ilustrada por verdadeiros "contos exemplares", mas reais, testemunháveis. Por conseguinte, mais que relevar o carácter da inspiração bíblica do texto em que se apoia, em vez de salientar o rigor da historicidade dos personagens que nos apresenta, o autor pretende realçar a sua importância moral, normativa, existencial, para que, assim como aqueles imitaram os santos Patriarcas, Profetas, Reis e Apóstolos da Bíblia, também nós, aqui e agora, os imitemos na ortopraxis cristã do nosso viver. Se de Jesus se disse "coepit facere et docere" (Act. 1,1) e se o evangelista Marcos quis sublinhar o papel didáctico dos "factos" do Senhor, narrando sobretudo os seus milagres, a ponto do povo dizer "Ele fez bem todas as coisas" (Mc. 7,37), porque é que S. Gregório não havia de dar importância aos "facta" dos santos bispos e

monges do seu tempo? De resto, S. Gregório não deixa de intercalar alguns dictos (*perguntas* do diácono Pedro e *respostas* do Pontífice) para que se evidencie ainda melhor o carácter eloquente dos factos descritos. Os acontecimentos espantosos que narra, os milagres admiráveis e por vezes ingénuos que conta são outras tantas formas de fazer catequese e de atrair, verdadeira "Bíblia dos pobres" para ensinar até os mais simples. A historicidade das figuras é como que encoberta pelo realismo motivante da sua exemplaridade. Portanto, o seu conceito de História continua ligado à ideia de Heródoto de que a "história é mestra da vida e luz da verdade"; não coincide com o nosso conceito de História científica, crítica, derivado da História positivista do séc. XIX, que rejeita como falso tudo aquilo que não possa documental e criticamente elucidar-se.

Na hermenêutica dos *Diálogos* de S. Gregório, deveriam distinguir-se três pontos, que ele procura explorar espiritualmente, em função didáctica, e lhe servem de cânones doutrinais: Conversão, Mistério Pascal/acção do Espírito Santo, Comunidade de Fé. De maneira geral, este objectivo encontra-se implícito nos quatro livros dos *Diálogos*, embora com mais relevância nuns que noutros.

II - Estereótipos da Vida de S. Bento

Bento de Núrcia é-nos apresentado com todas as garantias de autenticidade. O autor da biografia tem a preocupação de referir quatro discípulos-testemunhas de S. Bento, conhecidos seus, pelo menos um: "quatuor discipulis illius referentibus agnovi" (*II Livro dos Diálogos, Prólogo, 2*), e ao "venerabilis Benedictus" alude no III, 16,93; 18,4 e no IV,8,1, onde repete convictamente: "sicut a fidelibus eius discipulis agnovi"). Repare-se na insistência do *agnovi* = conheci. Embora idealizada, não se trata, portanto, duma figura inventada, irreal, mítica. Estamos convencidos que S. Bento é mesmo uma figura histórica, real, mas a maneira como S. Gregório o apresenta inscreve-se num quadro religioso, nitidamente emoldurado com a preocupação de apresentar uma história didáctico-pragmática. A narrativa ultrapassa, por isso, as barreiras da história crítico-científica e tem de ser tomada como literatura religiosa, exortativo-paradigmática, onde lenda e história se misturam. Daí o suceder-se dessa apaixonante galeria de trinta e oito capítulos ou quadros, onde o maravilhoso e o real se casam num ambiente de evidente sobrenaturalidade e numa profusão quase perdulária de milagres, a ponto do próprio diácono Pedro já se dar conta do excesso miraculoso e seu atractivo, afirmando embevecido: "Quanto a mim e aos milagres do santo varão, quanto mais

bebo mais sede tenho" (*II Livro dos Diálogos*, 7). "Sede", "fome" e "refeição" são termos usados para realçar a apetência da narrativa de milagres (*I Livro dos Diálogos*, 10,20). Nos seus escritos, por mais milagres que narre, nunca S. Gregório se preocupou em definir a natureza dos mesmos. Talvez que, para ele, a vantagem do milagre estivesse em ser um sinal do poder de Deus a manifestar a virtude dos seus servos, em chamar a atenção pelo insólito. Contar os milagres dum santo é incitar à imitação das suas virtudes; aí é que deve centrar-se a atenção do leitor: "Vitae namque vera aestimatio in virtute est operum, non in ostensione signorum" (*I Livro dos Diálogos*, 12,4; cfr. *II, Prólogo*, 9). Por essa razão, o diácono Pedro confessava: "vita et non signa quaerenda sunt. Sed quoniam ipsa signa quae fiunt, bonae vitae testimonium ferunt, quaeso adhuc, si qua sunt, referas, ut esurientem me per exempla bonorum pascas" (12, 6). É por isso que vários milagres são decalque de outros tantos da Bíblia ou da hagiografia. Já o diácono Pedro fazia esta constatação de que milagres novos se faziam em protótipos antigos: "Habemus, ut video, de exemplis veteribus nova miracula" (7,12). Daí a acumulação de narrativas de santos com uma galeria de 50 quadros taumatúrgicos: 12 no I Livro dos Diálogos + 37 no III e o painel central do II todo dedicado a S. Bento. Contudo, a profusão taumatúrgica e a ingenuidade de alguns milagres não devem induzir-nos na conclusão imediata de que se trata duma literatura para gente simples. O gosto do milagre tinha um carácter apologético, popular no sentido de que era dirigido a todo o povo cristão, servia de argumento de fé. A potência de Deus consubstancia-se na sua presença taumatúrgica através dos santos ao longo dos tempos. O próprio Santo Agostinho, depois de todo o raciocinar lógico da "Cidade de Deus", não se dispensou de acrescentar, em apêndice, uma sequência de vinte e cinco milagres (*De Civitate Dei*, XXII, 8,3).

S. Bento, homem de Deus é, em certa medida, um "homo biblicus". Movido pelo Espírito Santo, tal como Abraão, em peregrinação espiritual, "deixa a casa paterna e a família e vai para outra terra" (Gn. 12,1-6). Assim se vê que, desde o princípio da narrativa hagiográfica de S. Bento, é evidente a preocupação de a contextualizar bíblicamente, como que articulando-a num eixo paradigmático e didáctico. É sobre a figura do Patriarca Abraão que S. Gregório compreende e situa a figura de Bento, feito "Patriarca" dos monges do Ocidente, embora, depois, vá buscar outras figuras complementares, igualmente modelares, que o ajudam a provar que S. Bento estava cheio do espírito de Abraão, Moisés, David, Elias, Eliseu, Jeremias, Pedro, Paulo. Eis, pois, alguns dos homens bíblicos, por vezes explicitamente referidos, que justificam a afirmação intencional: "omnium justorum spiritu plenus fuit" (*II Liv. Diálogos*, 8, 8). Sobre eles, Gregório

constrói a imagem do homem de Deus, Bento. Com razão, a sequência das Missas de S. Bento, próprias da Ordem Beneditina, aponta esses paralelos: "*Abrahae persimilem... Eliam latitantem specu... Elisaeus dignoscatur... Illum Joseph candor morum... Illum Jacob futurorum...*". E o hino de Matinas da festa de S. Bento, no Breviário Monástico Beneditino, a 21 de Março, cantava: "Isaac, Moysen, Abraham sub uno pectore clausit".

Ainda não se fez o estudo comparativo completo entre a Vida de S. Bento no *II Livro dos Diálogos* e os paralelos bíblicos. Embora alguns ressaltem de imediato, outros exigem maior aprofundamento. Como quer que seja, um caso bem elucidativo é o das analogias e dependências literárias entre S. Bento e Eliseu⁷ a respeito dos milagres com os sacos de farinha e a bilha do azeite, tal qual resulta da comparação entre o *II Livro dos Diálogos* (21; 29) e *II Reis* (4,1-7. 42-44) com alusão ao milagre da multiplicação dos pães no número simbólico de cinco (Mt. 14,17). Outro é o caso de Mauro ou Amaro a caminhar sobre as águas (*II L. dos Diálogos*, 7), que decalca o passo paralelo de Pedro, expressamente citado, a caminhar sobre as ondas do Lago de Genesaret (Mt. 14, 24-33).

Curiosamente, o autor dos Diálogos quase não se refere a escritos de S. Gregório Magno e tão pouco parece usar, de forma explícita, outras fontes literárias, apesar de nos aproximar de histórias de monges antigos e anacoretas decalcadas de Rufino (*Historia monachorum in Aegypto*), Paládio (*Historia Lausiaca*), João Cassiano, Sulpício Severo.

Por fim, há que ter em vista como o autor persegue um objectivo exortatório, provocatório mesmo, qual é o de propôr modelos de edificação, porque "os exemplos arrastam e as palavras voam". Tal objectivo está bem expresso logo no Livro I⁸, que nos fornece um autêntico texto-chave para chegarmos à intenção do autor, ao que ele pretendia com aquelas histórias tão directas sobre a memória das virtudes de santos varões da Itália do seu tempo. No comentário da SE reconhece-se a virtude a adquirir, na narrativa dos milagres como deva ser manifestada e, através dos exemplos, prova-se de que maneira alguns foram abrasados no amor da Pátria celeste.

⁷ M. MAEHLER, "Évocations bibliques et hagiographiques dans la Vie de Saint Benoît par Saint Grégoire", in *Revue Bénédictine*, 83 (1973), 398-428; Olivier ROUSSEAU, "Saint Benoît et le prophète Elisée", in *Revue monastique*, N° 144 (1956), 103-104.

⁸ "Vellim quaerenti mihi de eis aliqua narrares, neque hac pro re interrompere expositionis studium grave videatur: quia non dispar aedificatio oritur ex memoria virtutum. In expositione quippe qualiter invenienda atque tenenda sit virtus agnoscitur; in narratione vero signorum cognoscimus inventa ac retenta qualiter declaratur, et sunt nonnulli quos ad amorem Patriae caelestis plus exempla quam praedicamenta succedunt", *Liber* I, 9; Gregoire LE GRAND, *Dialogues*, II, Paris, 1979, 16 ("SC", N° 260). Cfr. DE VOGUÉ, Adalbert, "Benoît, modèle de vie spirituelle d'après le Deuxième Livre des Dialogues de Saint Grégoire", in *Collectanea Cisterciensia*, 38, 1976, 147-157; IDEM, *Vie de saint Benoît commentée*, Bellefontaine, 1981 (Vie monastique, 14).

III - O Mistério Pascal na Vida de S. Bento

Ponto interessante de mistagogia litúrgica é o da relação da vida de S. Bento com o mistério Pascal de Jesus. Na realidade, a estadia de S. Bento em Subiaco tem como emblemático começo o encontro com o monge Romão, que vem à gruta trazer-lhe comida. Sucedeu, porém que o monge, por algum tempo, não pôde vir e foi substituído por um sacerdote a quem o Senhor revelara, por altura da festa da Páscoa, a situação precária de S. Bento, dizendo-lhe: "Tu estás preparando para ti um delicioso manjar enquanto o Meu servo, em tal parte, enfrenta o tormento da fome". Ao descrevê-lo no *II Livro dos Diálogos, Cap. I*, mais que narrar um facto biográfico banal, S. Gregório Magno quis fazer teologia espiritual, ou melhor, quis que lhe descobrissemos o sentido "pleno", que nos transporta, também a nós, à verdadeira vivência da fé. Vale a pena saborear a narrativa com todo o sumo espiritual que dela se espreme: "Ele levantou-se imediatamente e, naquela mesma solenidade pascal, partiu para o lugar indicado, com os alimentos que para si preparara. Procurou o homem de Deus pelas quebradas dos montes, pelas recôncavos dos vales e pelas lapas das encostas, até o achar escondido na gruta. Depois de orarem e entoarem louvores ao Senhor Todo Poderoso, sentaram-se os dois e entretiveram-se em doces colóquios sobre a vida espiritual. Então disse o sacerdote: - Bem, levanta-te, vamos comer porque hoje é dia de Páscoa! - Não há dúvida, respondeu-lhe o homem de Deus. É realmente dia de Páscoa, pois tive a felicidade de te ver...

Afastado de todo o trato humano, Bento ignorava que naquele dia ocorresse a solenidade da Páscoa. Mas o venerável sacerdote de novo afirmou: "Não, hoje é de verdade o dia da Páscoa da Ressurreição do Senhor; não vais agora guardar abstinência, porque eu fui enviado precisamente para isto, para tomarmos os dois juntos os dons do Senhor Omnipotente. E assim, louvando a Deus, tomaram o alimento".

Reparemos, antes de mais no conceito que S. Bento tem da Páscoa. Ela é o dia do encontro com o Senhor, vivo, reconhecido no outro, no irmão da fé. Bonito, sem dúvida! Que riqueza teológico-antropológica, a lembrar a bem-aventurança dos que, por caridade, se apressam a "dar de comer aos que têm fome"! (Mt. 25,35).

Todavia, a insistência do sacerdote com Bento para que coma levamos mais longe; faz mistagogia e introduz o homem de Deus no coração sacramental do Mistério Pascal. Aqueles dois em refeição fraterna tomando "os dons do Senhor" são uma actualização reviviscente de Cristo a fazer a "Fracção do Pão" com os dois discípulos de Emaús no dia da Ressurreição

(Lc. 24, 13-35). Com razão, logo de seguida, S. Bento vira evangelizador dos pastores que, dando-lhe "alimento do corpo", "recebiam de seus lábios, em seu peito, os alimentos da vida" (*II Livro dos Diálogos*, I, 60). Pela comunhão eclesial a que o sacerdote visitante o abrija, Bento começa a edificar a Igreja. Aqueles que tanto se preocupam e afadigam com a pastoral e não raro dela se afastam a pretexto de monaquismo, parem um pouco diante deste quadro de inaudita beleza, onde se descobre uma relação estreita entre "doçura contemplativa e suavidade pastoral". Os verdadeiros pastores sabem perfeitamente que o dar tira o ter: "Quod ipsi dulciter ruminant, et proximos suaviter pascant"! Os *Diálogos* são a ilustração desta ideia-força e S. Bento um exemplo claro do monge-pastor que não pode furtar-se às exigências, que resultam da experiência da Palavra de Deus: "Disce cor Dei in verbis Dei"! Como seria interessante analisar as relações pessoais e pastorais do monge Bento com o bispo de Canossa, com Germano, metropolitano de Cápua, com os sacerdotes dos arredores do mosteiro, com as gentes pagãs de Cassino, as quais, ele "com pregação contínua, ia chamando à fé" (*II Livro dos Diálogos*, VIII, 81). Talvez se aprendesse a conciliar melhor, hoje, vida monástica e vida pastoral. Pelo menos, ficar-se-ia a saber que uma não exclui a outra, nem com ela é incompatível. Um monge não pode esquecer-se de que é um homem da Igreja. "A comunhão dos irmãos é sinal inconfundível da "Páscoa" em acto"⁹.

Pouco antes de morrer, envolvido numa espécie de nimbo de Transfiguração, "elevado na luz do espírito"¹⁰, S. Bento mereceu ver o mundo concentrado num resplandecente raio de luz (*II Livro dos Diálogos*, 35).

Acabámos, pois, de verificar como, em Subiaco, o retiro eremítico de S. Bento se apresenta como uma alongada Quaresma de carácter pre-pascal: "Solus in superni spectatoris oculis habitavit secum" (II, 3, 5). Ali, no retiro da gruta, em dia de Páscoa, ele descobriu a fraternidade, os outros, e começou a servi-los, tornando-se evangelizador apostólico do Cristo Ressuscitado. Depois, à luz radiosa da Páscoa, ele perceberá a importância e centralidade do amor a Cristo (*Regra de S. Bento*, 4,24, 87; 5,4; 53,30; 72,14), que extravasa em tantos passos da Regra Beneditina, ainda nos primórdios duma liturgia e culto cristão em estado de pureza original.

⁹ CALATI, Benedetto, "Saggio per una lettura dei Dialoghi di S. Gregorio Magno secondo la metodologia del senso spirituale della Scrittura inteso dai Padri medioevali" in *Lex Orandi Lex Credendi. Studia Anselmiana*, 79, Roma, 1980, 123.

¹⁰ A argúcia filosófico-teológica de S. Tomás de Aquino chegou a pôr-se a questão, à qual responde pela negativa: "Utrum beatus Benedictus viderit divinam essentiam?" (*Quaestiones Quodlibetales*, I, 1, Paris, 1926, 2-3. Cfr. Dom Garcia M. COLOMBÁS; D. Leon SANSEGUNDO; D. Odilon CUNILL, *San Benito. Su Vida y su Regla*, Madrid, 1954, 230-232.

IV - Quadros hagiográfico-artísticos de S. Bento

Hagiografia e iconografia andam indissociavelmente unidas. A imagem dum santo, tal como nos foi descrita pelo biógrafo, irá, por certo, influenciar o artista que, em forma plástica a reproduz. Se a vida do santo nos é apresentada de forma atraente, sedutora por parte do hagiógrafo, com certeza que, por parte do artista, a arte, o engenho e a piedade, cumulativamente, exercerão também o seu papel na realização estética. Ora temos de convir que S. Gregório foi, sem dúvida, um artista na maneira como descreve a vida de S. Bento.

Por essa razão, os beneditinos, guiados pelo *II Livro dos Diálogos*, não puderam ficar indiferentes perante o atractivo da vida de S. Bento e souberam arranjar quem materializasse na arte plástica da escultura, pintura, fresco, talha e azulejo a vida do seu fundador segundo os estereótipos ali apontados. Basta visitar as igrejas, coros, capítulos, claustros e refeitórios dos mosteiros beneditinos para logo o descobrirmos; e a figura de S. Bento, de corvo aos pés a segurar no bico o pão envenenado, como abade venerável de barbas ou jovem monge a "deixar o mundo em flor" é disso perfeito emblema¹¹.

A primeira xilogravura de S. Bento, com características lusitanas¹², é a da Regra da Ordem de Avis, de 1516. Na Fundação Gulbenkian, Lisboa, existe uma bela iluminura de S. Bento em pergaminho, com certeza importado.

A estátua mais antiga, de origem francesa, é a da igreja paroquial de S. Bento da Várzea, Barcelos, estátua gótica do séc. XV, em que S. Bento, mestre disciplinador, segura na mão um feixe de varas para castigo dos monges negligentes (*RB*, 2,79; 28,13). Tal estátua faz-nos lembrar um fresco do claustro superior do mosteiro de Santa Escolástica de Subiaco onde S. Bento, qual hierático abade zeloso da disciplina monástica, aparece de dedo apontado a fechar a boca no gesto de impôr silêncio e com um molho de varas na mão para castigar os infractores.

Na igreja paroquial de Vila Marim, Vila Real, descobriram-se, há pouco, uns frescos com as imagens de S. Bento e S. Bernardo, datados da Era 1449 (ano de Cristo 1411), com os nomes dos santos em português.

11 Jan KAREL STEPPE, "Saint Benoît dans les arts plastiques," in *Saint Benoît, Père de l'Occident*, Antuérpia, Zodiaque, 1980, 55-144; *Iconografia di San Benedetto nella pittura della Toscana. Immagini e aspetti culturali fino al XVI secolo*, Florença, 1982.

12 José V. de Pina MARTINS, *Para a história da cultura portuguesa do Renascimento. A xilogravura do livro impresso em Portugal no tempo de Duerer*, Lisboa, 1972, 90-91.

Com efeito, há toda uma tradição artística espalhada pela Europa e, entre nós bem conhecida, que nunca parou de engrandecer as maravilhas de Deus realizadas em Bento de Núrcia. É conhecida a pintura do tecto da igreja beneditina do mosteiro feminino de Santa Escolástica de Bragança, a mais monumental entre nós, que representa a exaltação ou glorificação de S. Bento e de Santa Escolástica, sua irmã, introduzidos no Templo da Santíssima Trindade, que é o céu¹³. Não é obra do pintor espanhol de Valladolid, Damião Rodrigues Bustamante, como opina o erudito Mourinho Júnior, mas do português Manuel Caetano Fortunato, de Castelo Branco, pintado em 1763 pelo preço de algumas moedas de ouro, como pudemos apurar e de que, em breve, publicaremos um estudo. Tectos pintados com cenas de S. Bento há ainda na igreja do mosteiro de Viana do Castelo, na capela-mor do mosteiro do Salvador, Lar Conde de Agrolongo em Braga, com a glorificação de S. Bento e de Santa Escolástica¹⁴, obra datada de 1726 e atribuída ao pintor Manuel Furtado de Mendonça, do Porto, e na igreja do mosteiro do Terço em Barcelos. Refiram-se também as cenas da vida de S. Bento nos caixotões de tábua pintada no tecto da capela-mor das freiras de Semide, Miranda do Corvo. Aponte-se ainda o fresco em suporte rebocado da capela de S. Bento no alto do escadório da cerca do mosteiro de Tibães. Para o azulejo¹⁵, salientemos alguns painéis do séc. XVII-XVIII: igreja do antigo mosteiro de S. Bento de Viana do Castelo; Asilo de Santo António ou antigo mosteiro de monjas beneditinas do Jesus de Viseu; antigo convento da Encarnação em Lisboa; refeitório do mosteiro de S. Bento da Saúde em Lisboa (Assembleia da República), até há pouco usado como depósito da Torre do Tombo, e um conjunto de azulejos no antigo Convento de Santa Cruz em Lamego, trazidos, com toda a probabilidade, do extinto mosteiro de Recião. Acrescentemos a grande sequência de painéis de azulejos no claustro nobre ou dos defuntos de Tibães, sublinhados por textos elucidativos em latim, dois dos quais se encontram no átrio do antigo Paço Arquiepiscopal de Braga (Universidade do Minho)¹⁶. Refiram-se os

¹³ Pe. António Rodrigues MOURINHO (JÚNIOR), "As pinturas do tecto da Igreja de S. Bento da cidade de Bragança: seu autor e valor iconográfico", *Brigantia*, Vol. I, N° O (1981), 69-78.

¹⁴ Eduardo Pires de OLIVEIRA, *O edifício do convento do Salvador. De mosteiro de Freiras ao Lar do Conde de Agrolongo*, Braga, 1994; Magno Moraes MELLO, "Manuel Furtado e a pintura de tectos joaninos em Braga", *Mínia*, 3ª Série, Ano III, N° 3 (1995), 157-188.

¹⁵ SIMÕES, J. M. dos Santos - *Azulejaria em Portugal no século XVIII*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1979, 93, 118, 125, 208, 222, 345.

¹⁶ José Aquino Veloso de SEQUEIRA, *Novena de S. Bento*, Guimarães, 1874. Em Apêndice encontram-se os Versos explicativos da vida de S. Bento representada nos azulejos do Claustro principal de Tibães. Diz o autor ter realizado agora aquilo que adiou por onze anos: "Tanto tempo pois haverá que eu, no receio de perder-se uma preciosidade da literatura latina que havia no claustro principal do mosteiro de Tibães, fui allí de propósito tirar uma copia, na intenção de

espaldares com pinturas dos cadeirais do coro alto de Tibães e Santo Tirso. Mas, sobretudo, analisemos os painéis de talha do lambrim do coro alto da Igreja do mosteiro de S. Bento da Vitória, Porto¹⁷.

O Coro, parte funcionalmente marcante da igreja monástica, pela sua condição de sacralidade, representa um dos lugares mais importantes na semiótica espacial dum mosteiro. É lá, nas estalas do cadeiral, com suas "misericórdias", que os monges realizam o "Opus Dei", a sua função de áulicos do divino Rei. Nos mosteiros da antiga Congregação Beneditina Portuguesa era costume haver na igreja dois coros: o coro baixo, junto do altar-mor, para as funções mais solenes com participação do povo, e o coro alto ou de cima, geralmente por sobre a entrada da porta principal da igreja. Era mais recatado e acolhedor, intimista e propício à meditação, de regra em forma de U e bastante adornado de imagens ou pinturas piedosas para suscitar nos monges a concentração devota, de modo "que o nosso espírito concorde com a nossa voz", como diz S. Bento (*RB*, Cap. 19). Ali, os monges rezavam o ofício das Matinas, mais longo, com salmos e leituras, a que hoje chamamos Ofício da Leitura, a Hora de Laudes, e as Horas Menores. Os beneditinos gostavam de adornar o coro alto com pinturas ou quadros da vida de S. Bento, como se vê em Tibães, Santo Tirso, S. Bento da Vitória, Porto. É provável que toda esta série de obras, com motivos bastante idênticos, tenha como base as gravuras, que se publicaram no século XVI em Espanha e na Itália¹⁸.

publical-a em algum jornal, e assegurar por este modo a sua conservação. São os versos explicativos dos quarenta e dois quadros da vida de S. Bento, tal como nos é narrada por S. Gregório Magno, o que tudo estava escripto e pintado em azulejos; e ja quando fui copiar estes versos, tinham, por haverem cahido alguns azulejos, pequenas mutilações, faceis de precher. Comecei a traduzil-os também em metro; porem conscio de que n'esta traducção aliás trabalhosa, não apparecia belleza alguma das muitas que tem o original latino, fiz em prosa o resto da traducção, que, ao menos tem o merito de ser mais literal".

¹⁷ ADB-UM: *Congregação de S. Bento de Portugal, Estados dos Mosteiros*: N° 104: Porto, S. Bento da Vitória, 1629-1761. No "Estado de 1719 diz-se expressamente: "Fizerão se 51 cadeiras no choro, todas de pao preto de talha olandeza, que no precioso da materia e prefeito da obra leva vantagem aos mais choros deste Reyno, como confessam todos os que desapaixonadamente o tem visto... Fizerão se os espaldares do choro, que cobrem toda a parede the a cornija da abbobeda, tudo de talha de castanho levantado, com tam boa arte repartida em quadros de meyo relevo, em que se ve a Vida, e Milagres de Nosso Padre Patriarcha, e o zello do prelado que mandou fazer esta tão grandioza obra". Cfr. Robert SMITH, *Marceliano de Araújo, escultor bracarense*, Porto, 1970, 17-21 e, do mesmo, "A Igreja de S. Bento da Vitória à luz dos "Estados" de Tibães", *Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto*, Vol. XXIX, (1966), 190-261 (Separata).

¹⁸ Na realidade, a Congregação Beneditina de Valladolid, Espanha, publicara "*Vita et miracula Sanctissimi Patris Benedicti*", Roma, 1579. Trata-se dum volume ilustrado com 50 lâminas, tendo no pé a descrição respectiva em versos latinos, com a numeração dos quadros e correspondente capítulo dos *Diálogos*. Foi obra muito divulgada, que conheceu quatro edições. Pouco depois, o abade de Monte Cassino quis fazer algo de semelhante, recorrendo ao mesmo debuxador, Bernardo Passarus, que adaptou as gravuras ao hábito dos monges da Congregação Cassinense e introduziu

Em S. Bento da Vitória, Porto, trata-se, na realidade, de 32 painéis, em relevo sobre madeira de talha dourada, policromada, para os espaldares do cadeiral de 51 lugares em madeira de jacarandá, dispostos em duas filas ou andares, dispostos em forma de U. A estes 32 há a acrescentar mais 4 quadros dourados mas não policromados com santos beneditinos vestidos de pontifical, o que perfaz o número de 36 painéis. Em 30 painéis policromados, numerados, desdobra-se toda a vida de S. Bento, ilustrada com cenas dos *Diálogos*, ao gosto da época, todos de vincado cunho naturalista. Estendem-se ao longo do coro, em dois registos paralelos, um inferior, outro superior, dispostos em forma de U a começar do fundo, do lado direito da cadeira abacial. As esculturas são de Marceliano de Araújo e foram encastoadas em talha por mestre Gabriel Rodrigues Álvares, de Landim. A parte escultórica custou 2#400 reis cada quadro pequeno e os maiores 4#500 e foi completada no triénio de 1716-1719, segundo os "Estados do Mosteiro de S. Bento da Vitória" para Tibães", quando era D. Abade de S. Bento da Vitória o Pe. Mestre Fr. André de Cristo, natural de Vila da Feira. Os quadros foram dourados pelo artista portuense Manuel Homem Soares¹⁹, da Rua de Trás, segundo contrato de 4/VIII/1759. É provável que Marceliano de Araújo conhecesse as pinturas do cadeiral de Tibães²⁰, datadas de 1666-1668, mas não é preciso recorrer a tal fonte de inspiração, até porque os motivos são mais numerosos e bem poderiam ter-lhe sido indicados por qualquer monge, conhecedor da vida de S. Bento segundo os *Diálogos* e das gravuras publicadas em Itália no último quartel do séc. XVI. Os dois quadros centrais, nem são alusivos à vida do santo, nem têm número. Os quadros do registo inferior têm forma rectangular com

pequenas modificações. Assim, apareceu ilustrada com gravuras e em versos poéticos alongados do próprio abade sobre a vida de S. Bento, segundo os *Diálogos*: Angelus SANGRINUS, *Speculum et exemplum chisticolarum. Vita Beatissimi Patris Benedicti*, Florença, 1586. Logo depois houve outra edição em Roma, 1587. É desta que as monjas de Zamora fizeram uma edição manual: Dom Ángel SANGRINO, *Speculum et exemplum chisticolarum. Vita Beatissimi Patris Benedicti*, Zamora, Ediciones Monte Cassino, 1980. Foram, por certo, as gravuras destas obras as inspiradoras dos azulejos portugueses. Logo de seguida, os cistercienses encomendaram uma obra do mesmo género dedicada a S. Bernardo com gravuras de Júlio Roscio: *Vita et miracula Divi Bernardi Claravalensis abbatis*, Roma, 1587 (Reedição, Florença, 1987).

¹⁹ D. Domingos de Pinho BRANDÃO, *Obra de talha dourada, emsamblagem e pintura, na cidade e na diocese do Porto*, Documentação, IV Vol., Porto, 1987, 147-151. O dito artista portuense deve ter sido o responsável por toda a obra de douramento do coro e orgãos de S. Bento da Vitória em 1759.

²⁰ Robert SMITH, *Cadeirais de Portugal*, Lisboa, 1968, 48-52. Cfr. GREGÓRIO MAGNO, *II Livro dos Diálogos. Vida de S. Bento*, Porto, Edições "Ora & Labora"/Mosteiro de S. Bento da Vitória, 1993; Cardial A. Ildefonso SHUSTER, *Storia di San Benedetto e dei suoi tempi*, Milão, 4ª Ed. 1973 (1946).

medida de 630x840 mm, fora as molduras, mas os do registo superior são octogonais.

Eis a série dos quadros ou painéis com seus motivos hagiográficos, marcantes para uma visão global da eidética e iconografia de S. Bento, conforme pudemos identificá-los com referência à narrativa do "II Livro dos Diálogos", começando pelo registo inferior:

1º: *Nascimento de S. Bento*. É uma movimentada cena de parto ou nascimento em que intervêm cinco mulheres, onde não falta a braseira para secar os paninhos e aquecer a água do banho, e a mãe é apresentada ainda no leito a fazer a prova da água. Tal cena é apócrifa e não aparece nos "Diálogos".

2º: *Recuperação do crivo partido*. Recorda o primeiro milagre realizado em Affile pelo santo para consolar a sua aia, que ainda o acompanhava e lhe preparava a comida (*II Liv. Diál. 1*).

3º: *S. Bento na gruta e a campainha quebrada pelo demónio*. Lembra a visita do monge Romano, que ia à gruta levar a comida e a fazia descer por uma corda numa cestinha. Fazia-se anunciar por uma campainha, que o demónio quebrou por raiva (*II Liv. Diál. 1*).

4º: *A ceia pascal de S. Bento*. O santo eremita recebe a visita dum sacerdote que, por ordem divina, lhe vem quebrar o jejum quaresmal (*II Liv. Diál. 1*).

5º: *A tentação nas silvas*. É das cenas mais vivas, com duas representações do santo a despir a roupa e rolar-se nas silvas para "apagar com um dilúvio de sangue o incêndio da paixão". Tal cena dá origem ao emblemático roseiral do "Sacro Speco de Subiaco", que S. Francisco de Assis foi visitar e Cimabue representou ainda em vida do "Poverello" (*II Liv. Diál. 2*).

6º: *Os dois primeiros discípulos: Mauro e Plácido*. Entre o grupo dos visitantes aparecem dois nobres, que lhe vêm confiar os seus filhos para discípulos (*II Liv. Diál. 3*).

7º: *A foice retirada do lago*. É o caso do "godo" que andava a roçar junto ao lago. Tendo-se a foice despegado do cabo e caído ao fundo, S. Bento meteu o cabo na água e logo o ferro se encaixou no cabo (*II Liv. Diál. 6*).

* Painel central sobre a cadeira abacial, sem número: *S. Bento entrega a Regra a monges e monjas*. O santo com vestes preláticas, está enquadrado por dois anjos e o listel com a legenda "De celo offertur tibi non alteri".

8º: *Mauro caminha sobre as águas*. Tendo o jovem Plácido caído ao lago, S. Bento mandou em seu socorro o discípulo Mauro ou Amaro, que foi salvá-lo de morrer afogado (*II Liv. Diál. 7*).

9º: *O pão envenenado levado pelo corvo.* Roido pelo ciúme, um sacerdote tentou matar S. Bento enviando-lhe um pão envenenado. Quando o santo deu a benção à mesa, um corvo entrou pela jancela e levou o pão que S. Bento lhe atirou (*II Liv. Diál. 8*).

10º: *O incêndio fantástico na cozinha.* Tendo encontrado um ídolo, os monges atiraram-no para a cozinha do mosteiro e, de repente, a seus olhos apareceu um grande incêndio. Com sua oração, S. Bento fez-lhes ver que não era fogo real, mas uma ilusão diabólica (*II Liv. Diál. 10*).

11º: *O demónio na pedra de construção.* Explica como uma pedra pesadíssima, pela oração do santo, se fez leve, pois o demónio estava sobre ela (*II Liv. Diál. 9*).

12º: *O emissário de Tóttila caído no chão.* Reproduz aquela cena em que Tóttila, rei dos godos, para provar a santidade do homem de Deus, lhe envia um mensageiro, Rigo, disfarçado na sua pessoa; à vista de Bento, logo ele caiu por terra (*II Liv. Diál. 14*).

13º: *Tóttila prostra-se aos pés de S. Bento.* Para reparar a ofensa, o próprio rei foi em pessoa visitar o santo, que lhe aunciou a entrada em Roma, a travessia do mar e a morte (*II Liv. Diál. 15*).

14º: *S. Bento revela um pensamento de orgulho a um monge que o assistia.* Foi o caso do monge que, interiormente, se pôs a murmurar por estar a segurar o castiçal enquanto S. Bento comia (*II Liv. Diál. 20*).

+ Volta-se ao ponto de partida, no registo superior, mas os quadros revestem a forma octogonal e não têm número:

15º: *Os sacos de farinha.* Este quadro lembra o milagre dos duzentos mórios de farinha encontrados à porta do mosteiro em tempo de fome (*II Liv. Diál. 21*).

16º: *S. Bento tem a visão do raio de luz.* Quadro maior que reconstitui a cena em que o santo viu o universo concentrado num raio de luz e a morte do bispo de Cápua (*II Liv. Diál. 35*). Tal milagre é recordado no "*IV Liv. Diál. 7*".

17º: *O monge sepultado, que a terra não aceitava.* Narra como um jovem monge, com saudade da família, saiu do mosteiro sem licença, vindo a morrer. Sepultado, o seu corpo foi encontrado fora de terra no dia seguinte (*II Liv. Diál. 24*).

18º: *O monge tentado a fugir.* S. Bento livra da fuga do mosteiro de Monte Cassino um monge, o qual encontrou no caminho um dragão que o ameaçava (*II Liv. Diál. 25*).

19º: *O rústico maniatado, que só com o olhar de S. Bento ficou solto* (*II Liv. Diál. 31*).

20º: *A talha vazia, que se encheu de azeite* (*II Liv. Diál. 29*).

21º: *As duas monjas, que, pelas suas palavras injuriosas, após a morte, foram reconciliadas graças à intercessão do santo (II Liv. Diál. 23).*

* Quadro central: *S. Bento de pé, em atitude hierática com vestes prelatícias e um anjo de cada lado entregando-lhe a mitra e o báculo. Sobrepuja a cadeira abacial.*

22º: *Ressurreição do filho dum aldeão, à porta do mosteiro (II Liv. Diál. 32).*

23º: *Os monges que tomaram alimento fora do mosteiro, contra a regra (Liv. Diál. 12; cfr. RB, 51).*

25º: *O irmão do monge Valentiniano tentado a comer pelo caminho. Contra o costume, à terceira vez acedeu à oferta dum ocasional companheiro de viagem e, quando chegou ao mosteiro, logo S. Bento lhe denunciou a falta (II Liv. Diál. 13).*

26º: *Os soldos miraculosos. Um homem que devia doze soldos recorre a S. Bento para pagar ao credor (II Liv. Diál. 27).*

27º: *Colóquio de S. Bento e Santa Escolástica. Reconstitui o milagre das lágrimas com que Santa Escolástica convenceu o irmão a passar a noite com ela em colóquio sobre as coisas do céu (II Liv. Diál. 33).*

28º: *Féretro e sepultura de Santa Escolástica. S. Bento mandou que o cadáver da irmã fosse trazido para o mosteiro e sepultado no sepulcro que abrisse para si (II Liv. Diál. 34).*

29º: *S. Bento morre de pé no oratório, amparado pelos seus monges. Associada está a visão dos monges que, estando fora, viram que, do seu mosteiro, chegava ao céu uma estrada pela qual S. Bento subia à glória (II Liv. Diál. 37).*

30º: *Cura duma demente na gruta de S. Bento (II Liv. Diál. 38).*

Com os dois quadros centrais e os quatro dourados do lambrim das colunas perfaz-se o número de 36 quadros de meio relevo encomendados a Marceliano de Araújo, dourados e policromados, depois, por Manuel Homem Soares em 1759.

Esta longa teoria de quadros mostra que estamos em presença dum cadeiral grandioso, talvez o maior, mais rico e mais esplendoroso do país, singular pelo facto de ser embelezado em madeira de talha dourada policromada. Aliás, todo o coro alto da igreja de S. Bento da Vitória, Porto, foi declarado monumento nacional, antes mesmo da igreja o ser (Decreto Nº 129/77 de 29 de Setembro). A variedade dos quadros, o naturalismo das formas, as marcadas características da época, a constante referência à obra literária do "II Livro dos Diálogos" de S. Gregório, tudo isso os eleva à categoria de verdadeira e completa ilustração artística da vida de S. Bento. Através deles, ficamos na posse duma autêntica reprodução plástica da

biografia do Santo Patriarca dos Monges do Ocidente e Padroeiro da Europa. Temos, aqui, de facto, a chave hermenêutica de muitas estátuas, gravuras, pinturas e azulejos, de tudo aquilo, enfim, que a hagiografia beneditina concebeu na diacronia da história a respeito do venerável fundador dos monges beneditinos, a única Ordem religiosa da Europa católica, anterior ao Ano Mil. Por isso, consideramos este lambrim com a vida de S. Bento um elemento essencial para a hermenêutica da hagiografia e iconografia beneditinas em Portugal.

Conclusão

S. Gregório Magno, com o *II Livro dos Diálogos*, é o criador da eidética hagiográfica de S. Bento e o inspirador da sua iconografia. Dentro do princípio dialético da potência/presença de Deus, o santo papa quis mostrar, a partir de estereótipos bíblicos, que S. Bento é a figura-chave do monaquismo autêntico, ocidental, em que convergem as virtudes de todos os justos. A biografia hagiográfica, que nos deixou, vale certamente como informação histórica testemunhada, mas impõe-se muito mais como exemplo motivador. A história está, aqui, ao serviço da devoção; o santo torna-se espelho retransmissor da potência divina e a sua presença histórico-espiritual, através dos tempos, transforma-se num imã de atracção espiritual para que outros, estimulados pela sua vida, aprendam a viver ao serviço de Deus. De resto, o carácter de exemplaridade dos *Diálogos* de S. Gregório Magno ainda está bem evidenciado no uso que deles faz Clemente Sánchez de Vercial, arcediogo de Valderas, em pleno século XV²¹.

Devido à acção dos monges beneditinos e à devoção popular a S. Bentinho, que eles souberam criar à volta dos seus mosteiros e lugares das redondezas, podemos concluir que a rica hagiografia de S. Bento, proclamado pelo papa Paulo VI, em 1964, "Padroeiro da Europa", é das mais conhecidas e artisticamente mais exploradas. Para compreender a vida de S. Bento, Patriarca dos Monges do Ocidente e advogado popular das coisas ruins, dos males desconhecidos e dos maus vizinhos da porta²², há que, continuamente, recorrer ao *II Livro dos Diálogos* de S. Gregório. É ele que nos fornece a chave hermenêutica de tantas obras de arte, esculturas,

²¹ José MATTOSO, "A utilização dos *Diálogos* de Gregório Magno pelo *Libro de los exemplos*", in *Euphrosyne, Revista de Filologia Clássica*, Nova Série, Vol. XXII, (1994), 335-340. O tema de comparação centra-se nas atitudes mentais perante a morte. Cfr. *Libro de los exemplos por ABC*, Edição crítica de John Esten Keller, Madrid, 1961.

²² Geraldo J. A. Coelho DIAS, "O culto popular de S. Bento - Uma forma de terapêutica religiosa", in *Revista da Faculdade de Letras*, II Série, Vol. X, (1993), 233-244.

gravuras, pinturas, azulejos e até medalhas ou veneras, que a ilustram e promovem na devoção do povo cristão. Não era sem razão que Camilo envolvia o seu Eusébio Macário numa aura de especial devoção ao S. Bentinho, cuja verónica e até a regra "trazia ao pescoço pendente dum trancelim de ouro" para lhe defender o corpo, quando picado da febre-amarela e "entregava-lhe nas viagens o cuidado das suas malas, como a um escudeiro"²³.

A hagiografia beneditina, obedecendo a estereótipos literários de inspiração bíblico-patristica, é uma fonte riquíssima de obras de arte e de motivações espirituais com grande impacto no devocionalismo popular. Como tal, merece ser conhecida e estudada a partir da obra do papa S. Gregório Magno. Só assim se chegará à compreensão do que essas obras de arte, usando motivos hagiográficos, pretendiam transmitir.

Geraldo J. A. Coelho Dias, OSB/FLUP

Summary: *The life of Saint Benedict (480-547) written by the Pope Saint Gregory the Great (†604) in the "Book II of Dialogues" is not an accurate historical biography. It is, above all, an exemplary narrative which, within the context of the hagiographic literary genre and in accordance to the biblical models and stereotypes, proposes a concrete example of Christian perfection and an incentive to sanctity. Obviously the author did not create this character and therefore mentions specific witnesses. Much to the taste of his time, the chronicle about the life of the Founder of western Monasticism is filled with numerous short narratives, an evidence of the author's didactic and pragmatic concern. Benedict is a "man of God, filled with the spirit of every righteous man", and consequently, a model of perfection. The present analysis of the Hagiography is made in conformity with these parameters, according to the "Book II of Dialogues" and its iconography, particularly the well-known engravings of the work of Angelo Sangrino (1586), which has inspired so many works of art, like the polychromatic gilded carvings (1716-19) from the choir loft of the Monastery of S. Bento da Vitória in Oporto.*

²³ Camilo Castelo BRANCO, *Eusébio Macário in Obras Completas*, Vol. VIII, Porto, 1988, 502.